

# Abuso acelerado de substâncias\*

Benjamin Noys  
(Tradução de Romulo Moraes)

\* Texto apresentado no seminário “#Accelerate,” na The New Centre for Research & Practice, em 1º de Outubro de 2014.



É muito simples entender o aceleracionismo. Aceleracionismo se refere a um engajamento com formas e forças tecnológicas e de abstração que devem, seletivamente, ser aceleradas para atravessar os limites de um capitalismo estagnado e inerte. É muito difícil entender o aceleracionismo. Há vários tipos de aceleracionismo, se é que esse é mesmo um nome correto para a coisa. Talvez fosse melhor chamar de “redesenho”, por exemplo, ou de “extrapolação”. Ainda não sabemos o que o aceleracionismo pode fazer, ou ser? Talvez fosse necessário “criar dois, três, muitos aceleracionismos”.

A coletânea *#Accelerate: The Accelerationist Reader* (2014) encarna essa tensão. Há muito aceleracionismo, muito mesmo, não há falta dele; são 536 páginas, geralmente selecionadas de trabalhos ainda maiores. Há uma abundância de aceleracionismo. Por outro lado, não há muito aceleracionismo explícito, quer dizer, dependendo de quando se começa a numerar, pelo aceleracionismo de terceira ou de quarta onda (após o momento francês dos anos 70 e Nick Land, ou após Marx, o momento francês dos anos 70 e Nick Land, ou então,

se incluirmos as várias vanguardas, a quantidade pode aumentar). Talvez fosse melhor abordar o leitor como um “acelerador”, o que significa que *#Accelerate: The Accelerationist Reader* quer construir uma genealogia, uma ficção ou uma ficção hipersticional das origens, para o aceleracionismo. É “hipersticional” porque, conforme o conceito desenvolvido pelo Cybernetic Culture Research Unit (CCRU) em Warwick nos anos 90, ela implica a geração performativa de uma nova ficção que se torna real através de sua articulação.

Neste caso, a coletânea é uma parábola borgesiana que, ao anunciar o aceleracionismo, também quer anunciar que *todos nós* (ou a maioria de nós) *já éramos* aceleracionistas. Por um lado, o aceleracionismo tem que ser proclamado como uma novidade, a nova verdade. Por outro lado, o aceleracionismo sempre esteve conosco. O que é proclamado também é revelado como a verdade que sempre permeou o pensamento moderno ou mesmo é sinônimo de modernidade. Esta é uma história partidária e provocativa; deveríamos ficar chocados com o aceleracionismo. Ao mesmo tempo, é uma história de normalização. Aceleracionismo não é simplesmente o nome de um novo movimento, mas o nome do que a maioria de nós, ou alguns, ou mesmo todos, já fazemos, e que o restante deveria fazer.

A instabilidade entre os que já fazem e os que precisam fazer é parte da meta aceleracionista de revelação e mudança. É certo que nem todos nós “aceleramos”. Certamente há aqueles que definitivamente não são aceleracionistas: os praticantes do localismo ou “política popular”, os marxistas kitsch, os paleo-heideggerianos, os adornianos recidivistas, etc. Mas estes não-aceleracionistas estão, segundo os aceleracionistas,

fora da modernidade: eles mesmos são vestígios nostálgicos do passado, presos no tempo, as Senhoritas Havisham da teoria, para tomar de empréstimo o personagem de *Grandes Expectativas* (1861), de Dickens, que, uma vez abandonados, permanecem congelados naquele estrato de tempo. De fato, essa imagem descreve o cerne da rejeição anti-aceleracionista: eles não podem imaginar um futuro. Eis a quebra ou ruptura, a linha divisória, entre aceleracionistas e anti-aceleracionistas.

É claro que a linha em questão é vaga. A verdadeira divisão está entre os que são capazes de afirmar uma visão positiva do futuro, baseada no desenvolvimento da tecnologia, da abstração e da razão, e os que não querem ou não podem fazê-lo. No segundo caso, encontramos aqueles que vêem o futuro como potencialmente ou efetivamente catastrófico, em geral por causa da mudança climática, mas também pela persistência do capitalismo; aqueles que imaginam um futuro “retrogrado” (nos termos aceleracionistas), recusando a tecnologia e retornando ao local ou ao natural; aqueles que se negam a especular sobre o futuro senão para compreender os limites e possibilidades das lutas contemporâneas (isso seria a comunitarização). Que essas sejam posições minoritárias não é tão percebido pelos críticos aceleracionistas. Certamente, tanto na vida cotidiana quanto nas lutas sociais, muitos movimentos atuais fazem amplo uso da tecnologia, notadamente das mídias sociais (embora devamos evitar o exagero do Twitter/Facebook como únicos ou maiores motores de luta). Isto, no entanto, abre a porta para que os aceleracionistas argumentem que tais movimentos são aceleracionismos primitivos, relutantes ou incapazes de se aprofundar no potencial da tecnologia. Eles estão utilizando a tecnologia como se fosse uma medida temporária, quando

ela deveria ser tomada (diferentemente) como a possibilidade de uma nova “plataforma” ou “compilado” que incorporaria e articularia uma alternativa política global.

O aceleracionismo contemporâneo se articula como “plataforma” ou “*stack*” ou “projeto hegemônico”. Se um *stack* é, como afirma Bratton, “vasto (ainda que incompleto), [e] disseminado (ainda que irregular)”, é provável que ele não seja um esquema ruim para representar as disposições atuais do aceleracionismo. Poderíamos organizar as camadas dessas *stacks* em divisões disciplinares bastante convencionais, com isso violando algumas das reivindicações de totalidade (sem totalização) e globalidade (sem o global) do aceleracionismo. Há uma camada filosófica: um articulação prometeica radical e inumana da razão como território de exploração e proposição de normas que reinventem o “humano” em forma de razão global; há uma camada política: o manifesto como declaração de um novo projeto hegemônico para a esquerda organizada, por meio da adoção de planejamento, abstração e horizontalidade global como condições para suplantar a inércia capitalista; há uma camada experimental ou estética: o emprego do aceleracionismo como “sonda” para captar ou analisar o momento contemporâneo e sua superação.

Embora a camada estética ou experimental possa parecer a mais “baixa”, mera aplicação da “rainha” filosofia, ela desempenha papel crucial e até mesmo determinante. É crucial para o próprio nome “aceleracionismo”, que por si só é um gesto estético. O “aceleracionismo” proporciona a ignição, o corte, a intensidade, que outros significantes não conseguiriam proporcionar. As evocações estéticas de tudo desde a música eletrônica até o *data imaging* são essenciais para o aceleracionismo, são

como que um suplemento necessário a ele, no sentido proposto por Derrida. Elas galvanizam e libidinizam um projeto que, embora obviamente ambicioso, sem elas se uniria a toda uma série de tentativas de reengenharia do mundo. Poderíamos até dizer que aceleracionismo é o limite de uma revolução que sem ele competiria entre vários reformismos.

E é aqui que começam minhas críticas. Não condeno o aceleracionismo por não ter substância, apesar de já ter comentado sobre a dificuldade de identificar um sujeito nele, no sentido de quem está causando a aceleração e o que está sendo acelerado. Esse argumento já foi reiterado recentemente por Simon O’Sullivan em sua resenha do *#Accelerate* para a revista *Mute*. Em vez disso, quero me concentrar na substância sem sujeito e sugerir que o aceleracionismo tem substância *demais*. Digo isso para me referir ao fato de que o aceleracionismo aceita uma imagem de substância, uma imagem de mundo e de suas forças, que se integra, deliberadamente na verdade, com esse mundo de maneira tal que permite pouco acesso crítico à questão da substância.

Em uma semi-paródia da filosofia pré-socrática, poderíamos separar a concepção da substância em dois eixos centrais: do quente ao frio, do sólido ao líquido. O aceleracionismo encontraria sua substância na zona do “líquido frio”, enquanto poderíamos localizar o capitalismo, com Preciado, como “líquido quente” (“capitalismo quente, psicotrópico, punk”). Tal analogia, já extenuada e fecal, parece se fragmentar na medida em que não vemos com facilidade o que se encontra nas outras duas zonas (“sólido quente” ou “sólido frio”), mas talvez essas possam guardar as formas inertes de desaceleração social e política: “sólido quente” para as contenções

capitalistas das forças produtivas, nos vários modelos de capitalismo “controlado”; “sólido frio” para as resistências baseadas no retorno ou recuperação dos atributos do que Lévi-Strauss chamou de sociedades “frias”.

Minha crítica se refere ao achatamento e simplificação a que esse modelo de substância recorre. Tal crítica tem uma história filosófica venerável e familiar. É a crítica de Hegel a Spinoza. Para Hegel, a substância spinozista é inerte – abrangendo tudo, fica sem movimento, e o negativo é jogado fora para se tornar Nada, com “N” maiúsculo. Badiou censura de modo semelhante o spinozista Negri, afirmando que a concepção dele da substância permite apenas o desenvolvimento do que já existe – sua aceleração? –, que se torna então meio de transcender o que já existe. O argumento é relativamente simples. O conceito aceleracionista de substância como líquido frio é um achatamento deliberado da diferença e do humano, numa imanência inumana que excede a “limitada” substância do capitalismo, enquanto líquido quente. O capitalismo deve ser resfriado para ser excedido ou acelerado.

É por isso que me concentro na questão do trabalho para sugerir que o aceleracionismo, em muitas de suas variantes, identificou corretamente o problema como aquilo que Marx chamou de “contradição em movimento”, mas deu ao problema uma falsa solução: a integração do trabalho ao abstrato e maquínico, a identificação com a substância, com as forças solventes do líquido frio, para escapar à contradição e ficção do trabalho. Essa análise poderia igualmente ser aplicada aos objetos enquanto *commodities*. A identificação do objeto com a *commodity* como abstração fria ou liquefação fria reduz o processo capitalista de constante transformação de objetos em *commodities* através da forma-valor.



Devo dizer algumas outras coisas, no entanto. A primeira é que essa crítica pode ser injusta porque o aceleracionismo contemporâneo partiu da imanência landiana, e a imanência landiana, via Schopenhauer, é uma integração radical da negatividade à imanência, de qualquer forma. Em relação à primeira variante desse argumento, voltamos à estética. Embora o aceleracionismo contemporâneo afirme ter ido além do endosso landiano da velocidade, mesmo do seu endosso “irracional” da velocidade como única substância (capitalista), ele ainda se utiliza da imagética landiana e do imaginário da substância líquida fria. A pulsão rumo ao global, o abstrato, o inumano, é, ainda, um tipo de spinozismo prático que acata uma imagem da substância em vez da substância em si. Também é possível denunciar a negatividade landiana como uma forma de negatividade unilateral e extrema, como “Nada”, a vontade pulsante subjacente a tudo que, então, coincidiria com seu oposto: a afirmação.

Uma segunda denúncia, que eu acho que está por trás das acusações do “marxismo kitsch”, é que ir contra a substância é abandonar qualquer referência ao presente e adentrar um mundo em que tudo é ruim ou errado – o que o próprio Nick Land chama de “miserabilismo transcendental”. Essa é uma acusação de Althusser contra Kojève: um humanismo da negatividade negligencia a substância e portanto não se atém às circunstâncias do presente. Apesar disso, Althusser enfatiza o entrelaçamento de negatividade e substância. Minha réplica é que estou sim preocupado com a “substância” do presente, ainda mais preocupado, primariamente, através do conceito de de-comodificação. Em uma discussão com Ray Brassier em Berlim, não sugeri que imaginássemos um futuro sem

antibióticos, embora tenha apontado os vários efeitos iatrogênicos do capitalismo, mas sim que conversemos sobre a distribuição desigual de antibióticos hoje. Então, a batalha pelo futuro, para fazer uma referência obrigatória ao *Exterminador do Futuro*, está sendo travada aqui e agora. Que futuro teremos não pode ser uma decisão relegada a esse futuro, mas precisa envolver esforços quanto aos desafios da “substância”, incluindo a distribuição violentamente desigual de substâncias que sustentam a vida, que não pode ser adiada ou resolvida simplesmente pela espera de uma solução tecnológica.